

MITO

Tiago Adão Lara*

Não é fácil desincumbir-se da tarefa de falar ou de escrever sobre o mito.

Em primeiro lugar, porque o termo mito reveste-se, hoje, de significado bem diverso daquele que ele tinha antigamente, quando a única forma de teorizar sobre a realidade eram os mitos. Para os povos antigos, o mito era palavra verdadeira. Esses povos sabiam distinguir bem entre as histórias, às quais atribuíam valor de explicação, sobre a origem do universo, da vida, dos grupos humanos, das instituições . . . e as outras histórias, com valor puramente ficcional. Esses povos não dispunham ainda de teorias elaboradas, com o rigor da lógica filosófica e, muito menos, de teorias científicas, convalidadas pelos testes experimentais. A fantasia predominava, nas explicações, com as quais tentavam elucidar os fenômenos da natureza e as situações existenciais.

Em linguagem de hoje, podemos dizer que, para os antigos, mitos não eram fábulas. Os mitos são verdadeiros, as fábulas são puras ficções.

A filosofia e, depois, a ciência, e também o cristianismo reduziram o mito a pura ficção, identificando-o com fantasia, destituída de valor de verdade. Dizer que algo é mítico, hoje, significa não reconhecer-lhe capacidade de veicular a verdade. Mito, hoje, significa ilusão.

Entretanto, se quisermos entender o que os mitos significaram e, podemos afirmar, ainda significam como realidade humana, é preciso esforçarmo-nos por superar um conceito negativo de mito.

A segunda dificuldade, que se apresenta a quem quer dizer algo sobre o mito, é a própria complexidade do fenômeno.

O que é mito? Como defini-lo?

É um desafio responder a essa pergunta, porque o mito é uma realidade dinâmica, plástica, plurifacetada. Para iniciar, poderíamos dizer que os mitos são histórias.

Mas que natureza têm essas histórias? De que valor se revestem elas?

Mircea Eliade, grande estudioso do assunto, exprime-se da seguinte maneira: "o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espé-

* Professor do Departamento de Pedagogia da UFU

cie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser", (ELIADE 1963:11).

Falando, já agora da mitologia grega, em especial, Pierre Grimal classifica os relatos míticos, nestes tipos: 1 - "relatos concernentes à formação do mundo e ao nascimento dos deuses. É a eles, e somente a eles, que se deveria atribuir a qualificação de mitos em sentido mais estrito" (GRIMAL 1982:20). Esses são os chamados mitos teogônicos e cosmogônicos. 2 - Ciclos divinos e heróicos. Esses ciclos constituem séries de episódios ou de histórias, cuja unidade é fornecida pela identidade do personagem, que é seu herói. Ao contrário dos mitos, esses relatos não possuem nenhuma significação cósmica" (GRIMAL 1982:20). 3 - Novela. "Como o tipo assume valor cósmico ou simbólico, mas - enquanto o ciclo é agrupado em torno de uma única figura - a unidade da novela é puramente literária e se define pelo enredo" (GRIMAL 1982:21). Exemplo típico: a guerra de Tróia. 4 - "Finalmente, se formos ainda mais longe, na análise, encontramos, não mais conjuntos literários, porém, simples relatos elementares, anedotas etiológicas, ou seja, destinadas a explicar algum detalhe surpreendente do real: uma anomalia num ritual religioso, um costume, a forma singular de um rochedo, a consonância de um nome próprio" (GRIMAL 1982:22-3). E conclui Pierre Grimal: "A matéria mítica pode ser classificada em um certo número de categorias, que permitem tornar a análise mais cômoda. Todavia, não nos devemos enganar com semelhantes classificações, cujas fronteiras são incertas. O mito cosmogônico pode se degradar em ciclo ou em novela; a lenda etiológica integra-se em um ou em outro, com extrema facilidade. . ." (GRIMAL 1982:23).

Apesar de ter afirmado que apenas os mitos cosmogônicos e teogônicos realizam o conceito próprio de mito, Grimal não deixa de aplicá-lo, analogamente, ao "ciclo", à "novela" e às lendas etiológicas, pois todo esse material é considerado mítico.

A terceira dificuldade, que devemos enfrentar, ao falarmos dos mitos, é dar-mo-nos conta das várias interpretações a que o mito é, hoje, submetido. Os estudiosos se perguntam o que significam os mitos, na história da cultura? E não são concordes na resposta.

Existem aqueles que atribuem aos mitos um valor epistemológico mínimo. Os mitos são teorias pobres, fantásticas, a respeito da realidade. Como eram destituídos de capacidade racional abstrata, os primitivos só conseguiam elaborar fantasias. Os mitos são superados, com o advento da razão. Entre mito e razão existe oposição, existe um fosso. O mito, no máximo, leva à verossimilhança, nunca à verdade.

Outros autores, pelo contrário, descobrem no mito, a revelação de uma verdade, impossível a nível de filosofia ou de ciência. O mito definiria, portanto, nível epistemológico próprio. A estrutura da realidade objetiva, de um lado, e da consciência humana do outro lado, é que o tornaria possível e o requereria. Existem verdades só traduzíveis pelo mito. Além disso ele continua existindo, não por

atraso ou deficiência na evolução histórica, mas por exigência estrutural antropológica.

Outros estudiosos, ainda, abandonam a preocupação pelo possível valor objetivo dos mitos e se esmeram em descobrir-lhes a função social. Segundo eles, as instituições, para se justificarem e se firmarem, têm necessidade dos mitos. A missão deles, portanto, é de geradores e confirmadores das tradições, fazendo-as remontar a origens sagradas de deuses e heróis. Satisfazem a essa exigência até conceitos abstratos como *revolução*, *liberdade*, que passam a constituir-se em verdadeiros mitos, para determinados grupos ou movimentos históricos.

Penso que cada uma dessas interpretações levanta, um pouco, o véu que encobre o mistério do mito.

A grande dificuldade, para nós, de compreendermos o significado dos mitos antigos é que eles foram elaborados a partir de um posicionamento, frente à realidade, que é impossível, a nós, repetir.

Ao longo da história, o homem foi descobrindo e criando perspectivas de enfrentamento da realidade, que se tornaram nitidamente definidas, delimitadas e precisas, do ponto de vista metodológico. Isso era impossível ao homem primitivo. Ele sente a vida ou a percebe de maneira global, entusiástica, fascinante. É um pouco como a criança que, de olhos bem abertos, ouvidos atentos, respirando a vida a plenos pulmões, tudo toca, tudo experimenta, tudo leva à boca, num ritmo e num entusiasmo quase incontroláveis. A visão que o mito delinea é visão de globalidade e nasce da globalidade da percepção. Fantasia, emoção e razão se mesclam e se afirmam, sem cuidados de discernimento. A imagem que o primitivo faz do mundo e de si é a imagem daquilo ao qual ele vive indissoluvelmente unido. A razão não se especializou ainda em comprovações lógicas nem foram ainda inventados processos metodológicos de controle experimental. A vida pulsa forte, os problemas se colocam violentos e as respostas têm de vir céleres, para que surja um mundo de sentidos, que possibilite a vida.

É essa perspectiva que precisaríamos vivenciar, para entendermos-o mito e sua verdade.

Em grego, verdade é *aletheia*, que significa desvelamento. Então, fica clara a expressão: a verdade do mito, ou seja, o que é que os mitos revelam aos homens ou, melhor ainda, o que é que os homens revelam a si mesmos, ao criar os mitos, pois é certo que eles expressam a experiência que o homem tem da vida, da natureza e de si mesmo.

Como afirmamos atrás, os mitos são expressão de uma globalidade de percepção, na qual se entrelaçam fantasias, emoções e razão, mas são também uma visão global da realidade.

A natureza não é, para a visão mítica, um amontoado de seres nem uma teia de leis, mas sim uma totalidade quase orgânica, na qual tudo se prende a tudo, tudo tem seu lugar e seu sentido, tudo brota daquele fundo misterioso e sagrado,

que são as origens, no sentido mais radical do termo, e tudo retorna a essas origens. O sagrado é, assim, a categoria fundamental. É a partir do sagrado que o universo se estrutura, torna-se cosmos, ou seja, harmonia e beleza. Fora do sagrado, está o caos, que é profano. O sagrado, porém, não é transcendência longínqua ou distante, mas transcendência irrompente: os deuses estão, potencialmente, em tudo, garantindo a perenidade da vida e da história.

Os mitos resolvem a questão a respeito da fundamentação última do ser.

São os mitos cosmogônicos e escatológicos aqueles que se enquadram, de maneira primacial, nessa conceituação. Ao lado desses mitos — *histórias de deuses* — encontramos os mitos — *histórias de heróis*. Também os heróis são colocados nas origens ou em tempos remotos. Muitas dessas histórias podem repousar em algum dado histórico, cujos contornos é impossível resgatar. Em torno do núcleo fáctico, deu-se, certamente, um processo de condensação significativa, que os erigiu à categoria de fatos fundantes e exemplares, para determinado grupo humano. Também essas histórias de heróis realizam, analogamente, o conceito de mito.

A função do mito é clara. Fundando a realidade, explicando a existência, fazendo remontar, aos deuses e aos heróis, a história do grupo e do mundo, no qual o grupo vive, o mito passa a marcar todo o dinamismo do grupo. Poderíamos dizer que, de certa maneira, o grupo vive os seus mitos ou vive deles.

A mentalidade mítica move-se toda numa atitude paradoxal. De um lado, ela não permite a conceituação e a vivência da história, como processo humano criativo. Os homens devem, apenas, repetir os gestos prototípicos e modelares dos deuses e dos heróis. Desse ponto de vista, ela induz ao passivismo histórico, enquanto nada há de novo a ser produzido.

De outro lado, porém, os mitos são responsáveis por toda a clareira de compreensão significativa, que dá possibilidade ao homem de viver e de lutar, contra tudo o que lhe é adverso. Sem os mitos, os grupos humanos sucumbiram. Nos ritos, os antigos viviam os seus mitos. Pelos ritos, o homem é chamado a ser parceiro dos deuses, na obra de manter o cosmos, na pujança e na originalidade. Os ritos visam a isso. Eles não são gestos mortos e estereotipados. São atos re-criativos. Se os ritos não se derem, o universo se desorganiza, a vida estiola, o caos se reinstala. Participando dos ritos, o grupo vive o dinamismo original. O mito é, portanto, conclamação para compromisso histórico, convocação para a ação.

Os mitos traçavam caminhos de existências significativas e caminhos de comportamentos válidos. Diríamos que foram a teorização possível, nas épocas remotas da história e guiaram a humanidade, durante milênios no seu caminhar pelo tempo. Eles não são, pois, de modo algum, puro delírio da fantasia ou atestado de incompetência racional. Neles, pelo contrário, sente-se pulsar o questionamento que, mais tarde, a razão explicitará melhor. Tanto é verdade que os animais não criam mitos.

Que a razão presente no mito, não tenha o desempenho e as categorias, às quais chegou, depois de tantos séculos, não infirma, em nada, o seu valor. No mito, a razão não faz, ainda, abstrações e não se conhece como força cogitativa crítica, capaz de depurar, no crivo da lógica, as imagens da fantasia. Mas esse é o destino da historicidade do homem. O homem se faz ao longo de um processo. Quem nos afiança que ele esteja pronto? Que sua razão tenha atingido a plena maturidade?

É forçoso, porém, reconhecer os limites dessa abordagem fantástica da realidade, que é o mito.

Ela serviu como primeiro instrumental teórico, possibilitando ao homem viver significativamente. Ela unificou e dinamizou os grupos humanos, ajudando-os a lutar. De outro lado, porém, a fantasia, sem o corretivo das exigências lógicas, pode tornar-se, como de fato se tornou, fonte de desvios e de acomodações em soluções pobres. Desvios e acomodações, que alienam o homem e o tornam vulnerável à manipulação. Aliás, filosofia e ciência não estão totalmente imunes desse perigo.

Discute-se, hoje, se a maneira mítica de pensar constitui etapa superada ou a ser superada, na história da humanidade ou, se, pelo contrário, o mito é uma constante histórico-antropológica. Nesse último caso, o advento da filosofia e da ciência não suprimiria, sem mais, o mito, mas torná-lo-ia concorrente, com outras formas explicativas. A tendência de muitos estudiosos é de aceitar que filosofia e ciência não esgotam as possibilidades de explicação das significações existenciais. Para além de certos limites, controláveis lógica e experimentalmente, está a possibilidade de interpretações imaginativas, suscitadas pelo mundo dos sinais e portadoras de significações humanas inegáveis. Claro que essas interpretações trazem, hoje, a marca do nosso tempo. Continuam, contudo, na linha da interpretação mítica. Existiriam muitos ainda hoje. Mitos modernos, portadores de valores, nos quais acreditamos, sem possibilidade de os justificarmos com argumentos racionais, válidos universalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, Ernst. Antropologia filosófica; ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Dr. Vicente Félix de Queiroz. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CRIPPA, Adolpho. Mito e cultura. São Paulo, Convívio, 1975.
- GUSDORF, Georges. Mito e metafísica. Trad. Hugo di Prímio Paz. São Paulo, Convívio, 1980.
- GRIMAL, Pierre. A mitologia grega. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1982.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. Trad. Haiganuch Sarion. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.